

A PRESENÇA DO DEMÔNIO NOS FIORETTI DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

JUDAR, Vandergleison (UEL)

INTRODUÇÃO

A figura do mal sempre esteve presente em diversas culturas. No que se refere ao ambiente cristão, não é diferente. Neste, o mal se apresenta na imagem do demônio, reconhecido através de seu nome pessoal Lúcifer ou ainda o mais popular Diabo. A idéia de um ser maléfico assumindo uma personalidade foi uma imagem forjada ao longo da história desde a antigüidade. Percebemos isto, através das várias influências de diversas culturas como a babilônica, por exemplo, sobre o judaísmo. Como o judaísmo é a religião de onde o cristianismo surge, tais influências são também absorvidas por ele, deste modo, o mal será redimensionado tornando-se uma figura real, personificada, tão presente quanto o próprio Deus. Os séculos que separam a Antigüidade da Idade Média serviram para fortificar ainda mais a imagem deste ser tão temido e tão odiado. Pouca ênfase a igreja primitiva deu ao Diabo, contudo na Idade Média, precisamente séculos XI-XII, lhe é dado mais espaço, ocupando o rico imaginário do período. Então, durante a Idade Média, a imagem do demônio causava medo, trazia todos os tormentos e tentações, apoiado pelos seus subalternos para desviar os fiéis dos caminhos do Senhor. Por isso, durante este momento da história, o Diabo foi muito aproveitado pela própria Igreja, que através do medo buscava a salvação de seus fiéis. Sendo assim, buscaremos compreender em uma fonte do período, precisamente do século XIV, denominada os Fioretti de São Francisco de Assis, a imagem do demônio, na qual o “inimigo” é visto em consonância com a realidade sócio-cultural, rico em toda representação que o mal possui naquele momento. No entanto, percebemos um diferencial encontrado no texto, que nos apresenta um curioso aspecto sobre o qual iremos nos debruçar um pouco mais.

1. A EVOLUÇÃO DA IMAGEM DO DIABO NO IMAGINÁRIO CRISTÃO

A palavra evolução se relaciona a algo processual, progressivo e até mesmo teleológico. A dificuldade de utilizarmos outro termo é a de que no fim ele possa trazer outras possibilidades e implicações inerentes também. O que estamos propondo é demonstrar que houve, no decorrer da história, uma espécie de ampliação da perspectiva do mal, sua presença e atuação. De fato, a idéia não se trata bem de um processo, mas em todos os casos manteremos a palavra evolução, esperando que ela dê suporte a nossa proposta de demonstrar, mesmo de maneira sucinta, as diferentes perspectivas com que o demônio foi enxergado desde a antiguidade judaica até Idade Média, precisamente no século XIV. No processo de desenvolvimento da religiosidade hebréia, se firmou o monoteísmo e o Deus da aliança, Javé¹, possuía características tanto benéficas quanto maléficas, dispensando assim, a necessidade de um personagem que representasse o mal, afinal a própria divindade cumpria esse papel. Aos poucos esse povo que era nômade ou ainda semi-nômade, que vivia em tribos quase dispersas, passou por um processo de fixação, em consequência disso, a religião patriarcal, passará a ter santuários fixos, sistemas elaborados de sacrifícios com todas as implicações imagináveis para o conceito de Deus. Conseqüentemente acontece grandes alterações na religiosidade deste povo, que foi acentuada ainda mais pela instauração da monarquia, onde questões políticas e imperiais passaram a influenciar também suas concepções religiosas². A própria demonologia não era desenvolvida ainda. O próprio Deus de Israel possuía seres malignos, demônios, que lhe serviam para instruir e manter a fidelidade monoteísta³. Na concepção de Carlos Nogueira, a maior contribuição que os hebreus deram a figura do Diabo foi registrada no livro de Jó. No qual o Diabo é um ser ativo, aparecendo em um diálogo com Deus sobre o que fazer com o pobre Jó. Graças a este texto de essência poética o diabo foi imortalizado. O contato com os outros povos como os babilônicos e caldeus, fortaleceram esta influência da imagem do mal, surgindo o chefe do cortejo demoníaco na figura de Lúcifer. Mas, é durante o período helênico que de fato, as várias religiosidades confluem, desenvolvendo uma demonologia bem consistente, motivada pela ética da escola neoplatônica⁴. Deste modo os evangelhos e o Apocalipse de João deram o espaço devido ao inimigo de Deus, ao anjo decaído. A tentação de Jesus (Mateus 4,1) é um exemplo, na qual demonstra o demônio em ação, assumindo a

imagem de tentador. Aos poucos ele fará parte do dogma fundamental do cristianismo, que é a queda e a redenção do homem por Cristo na cruz⁵. O Diabo será estudado pelos pais da Igreja, embora a Igreja primitiva não se preocupasse muito com ele, a imagem deste ser do mal estava presente e ganharia cada vez mais autoridade e atributos na história do cristianismo, com a grande explosão demoníaca nos séculos XI e XII⁶ já na Idade Média.

1.1 O MEDO E A PRESENÇA DO MAL

O medo era um sentimento constante no ocidente cristão medieval. Este medo era pensado de maneira distinta, quando se relacionava a temática da morte⁷. Aliás, tema este que foi muito explorado pela Igreja na medievalidade, a intenção desta era provocar a reação dos fiéis ouvindo as narrativas e sermões ou vendo iconografias sobre tal tema. A Igreja conseguia, portanto, estrategicamente usar as imagens que se relacionavam ao medo para exortar e dirigir os fiéis à salvação. Sendo assim, a Igreja conduzia os fiéis a se verem diante da fugacidade dos prazeres do tempo terreno, a ser impactado pela possibilidade do inferno e conseqüentemente abandonar seu mau caminho. Deste modo, Visalli nos diz que o tema da morte e suas conseqüências os sofrimentos da alma dos pecadores, o detalhamento da desintegração do corpo, que aos nossos olhos modernos parece bastante incômodo é bastante recorrente, pretendendo exortar os homens à penitência por meio da reflexão sobre a morte⁸ e o medo de cair nas garras do Diabo. As imagens horrendas ou nas mais clássicas expressões utilizadas no período, (que chega aos nossos dias), “macabras”, das forças infernais, do demônio à espreita para levar a alma à perdição, foi bem explorado, a exemplo de Jean Delumeau, buscando provocar a reação desejada, ou seja, a conversão através do medo⁹.

2. APRESENTANDO OS FIORETTI

Os Fioretti são uma fonte produzida ou pelo menos traduzida no século XIV, para o italiano (escrita em algum dialeto menos conhecido), para compreendermos melhor podemos perceber que Os Fioretti são um florilégio, uma coletânea maravilhosa

e inimitável de episódios, “milagres e exemplos devotos”, os mais belos e mais significativos da vida do Pobrezinho de Assis e de alguns de seus companheiros. Substancialmente, eles referem a gestos e palavras de Francisco, que em geral podem ser considerados históricos ou de boa tradição oral¹⁰. Percebemos que esta fonte trabalha com gestos e palavras de Francisco, mas com alguns florilégios, no aproveitamento do nome e do espírito da obra. O nome Fioretti se origina de um título bastante comum na literatura medieval e se refere a narração de milagres e exemplos. Deste modo, encontramos nesta fonte além das referências de milagres de São Francisco, também a idealizações de seus seguidores ou de quem a compôs. Isto se comprova através de uma classificação estilística desta como novelística¹¹. Neste sentido percebemos que os Fioretti, desenvolveram uma imagem muito positiva, até mesmo deificada de São Francisco e do mundo a sua volta, ao que Segre comenta que a realidade nos Fioretti, não fala mais alto, não há mais drama, minimiza-se a dor. Remove-se o peso do mal. Há uma realidade cândida, rarefeita, terna atmosfera, até mesmo maravilhosa, onde um senso mítico estimula a própria narrativa, seria um pouco do paraíso na terra – de uma religiosidade serena e contemplativa¹². Fruto desta realidade serena e contemplativa é então, construída cada parte encontrada sobre os feitos de nosso personagem, na maioria das vezes se embasando nesta realidade mítica, onde o seu exemplo é usado para tocar os corações convertendo-os a Cristo e ao mesmo tempo também para combater as forças do Diabo. Os Fioretti são uma coletânea, ligada a tradição oral, produzida ou pelo menos traduzida em 1390. Alguns autores como Desbonnets, concordam que a obra trata-se da vulgarização de outra fonte, do Actus Beati Francisci, que possui 76 capítulos, dos quais o autor selecionou 53 os traduzindo para o italiano.

2.1 A IMAGEM DO DIABO NOS FIORETTI

Como descrevemos acima nossa fonte possui 53 capítulos, dos quais se ocupam em grande parte, dos “grandes” feitos realizados pelo Santo. Contudo, há pelo menos dois, o capítulo de número 23 (cap. 23) e o de número 29 (cap. 29), nos quais as forças do mal atuam. O primeiro (cap.23), se refere a uma visão de São Francisco, onde em oração no convento da Porciúncula ele vê sobre o convento, uma legião de demônios, mas a santidade dos frades era tanta que eles não tinham por

onde entrar. Porém,, um dos frades tomado de ódio em relação a outro interno, abriu a brecha para que o demônio entrasse: “mas, perseverando todavia assim, um dia um daqueles frades se escandalizou com um outro, e pensava no seu coração como poderia acusá-lo e vingar-se dele. Pelo que, continuando ele com este mau pensamento, o demônio, achando a porta aberta¹³, entrou no convento e montou no pescoço daquele frade”¹⁴. Aqui começa a diferenciação quanto a forma de se encarar o mal. Aspecto que detalharemos melhor adiante. São Francisco de Assis é descrito como um pastor que cuidava de seu rebanho e mandou chamar o frade, exortando-o a se desfazer de todo o ódio, descrito no texto como veneno. O frade muito arrependido se volta a Francisco pedindo-lhe a penitência: Pelo que atemorizado, por se ver assim compreendido pelo santo pai, descobriu todo o veneno e rancor, e reconheceu sua culpa e pediu-lhe humildemente a penitência com misericórdia, e isto feito, absolvido que foi do pecado e recebendo a penitência, imediatamente diante de S. Francisco o demônio se foi¹⁵. A presença do bom pastor Francisco, sua bondade, tem autoridade para expulsar o demônio, permitindo que o frade vivesse, a partir daquele momento, em grande santidade. Todo o instrumental utilizado pela Igreja, água benta, rezas e orações, bem como a autoridade reconhecida do nome do salvador, normalmente realizada nos rituais de combate ao demônio, são reduzidos a presença de São Francisco influenciados pela visão de sua santidade, afinal não são poucos os textos que o colocam como espécie de outro Cristo¹⁶. Quanto ao segundo (cap. 29), a descrição do texto é ainda mais curiosa. O Diabo aparece a frei Rufino, um dos mais santos dentro da ordem. A estratégia utilizada pelo demônio é aparecer a este em forma de crucifixo¹⁷, dizendo que ele não precisa cumprir nenhuma exigência da ordem, pois ele já estava predestinado a condenação. Esta seria uma cilada, uma armadilha para desviar frei Rufino da fé. Ao que o texto deixa claro que o frade acredita na aparição e é tomado de uma tristeza sem igual, mas ainda mantém sua vigilância. O demônio lhe dizia também: “E crê em mim, porque sei a quem escolhi e predestinei, e não creias no filho de Pedro Bernardone, se ele te disser o contrário, nada lhe pergutes sobre isso, porque nem ele nem ninguém mais o sabe, senão eu, que sou o filho de Deus: portanto crê-me com certeza que és do número dos danados; e o filho de Pedro Bernardone, teu pai, e ainda o pai dele são danados e todo aquele que o seguir está danado e enganado”¹⁸. A estratégia enganadora do Diabo, não apenas coloca frei Rufino a prova, mas também o impede de se abrir com o próprio Francisco, uma vez que ele também estava condenado. Apenas a tristeza crescia dentro do coração do

frade. A construção demonstra o prazer do Diabo em atingir os santos, afinal pessoas comuns geravam certo mérito, mas os santos que caíam em suas tentações, geravam uma satisfação ainda maior. Da mesma maneira como no cap. 23, através de uma revelação São Francisco sabe o que está havendo com Frei Rufino e como está sendo tentado. Indo São Francisco ao encontro deste lhe diz: "Ó Frei Rufino mauzinho, em quem acreditaste? "E Frei Rufino aproximando-se, ele lhe disse em ordem toda a tentação que tinha tido do demônio dentro e fora; mostrando-lhe claramente que aquele que lhe havia aparecido fora o demônio e não Cristo, e que por maneira nenhuma ele devia consentir em suas sugestões"¹⁹. A instrução de São Francisco foi que ao aparecer de novo o demônio, Rufino deveria lhe dizer algo que o faria ir embora. Deste modo, tomado de arrependimento e consolado por Francisco, Rufino volta a sua sela. Já fortalecido pelas admoestações do santo, estando em oração, aparece-lhe o "inimigo" na figura de Cristo, declarando estar danado, para não se desgastar com as orações ao que Rufino lhe disse. "abre a boca que a encherei de esterco ao que o demônio enraivecido saiu, provocando a precipitação de grandes pedras, que até hoje se pode vê-las", diz o texto. A experiência termina com a visita de Cristo, bendizendo Rufino por ter crido em Francisco e ao mesmo tempo, dizendo que ele nunca mais teria tristeza nesta vida, seria um sinal, uma demonstração de sua visita. Ao que São Francisco diz que Rufino foi canonizado em vida, chamando-o de S. Rufino.

CONCLUSÃO

Difícil não pensar no grotesco, ao lermos o texto do cap.29. Talvez esta tenha sido a primeira tentativa com sucesso, dentro dos relatos sobre o Diabo, de uma expulsão com esterco. Percebemos que novamente os utensílios sagrados, a água benta, o sinal da cruz, o nome do salvador, tidos costumeiramente como eficientes contra o demônio foram substituídos por uma estranha maneira de repeli-lo. Delumeau, enfatiza bastante a idéia do medo sobreposto sobre a horrenda imagem de Lúcifer, ao que Nogueira diz que sobre este também está o riso. Ou seja, não é apenas medo que ele causa. Como estamos lidando com um texto do séc. XIV, acreditamos que a cultura popular já estava elaborando suas maneiras de se protegerem do mal, de lidarem com ele de maneira mais tranqüila, do que apenas pelo viés do pavor. Isto será comprovado a partir do teatro alemão que se utilizou grandemente da imagem do Diabo. Segundo Delumeau

esta foi uma forma da cultura popular se defender da Teologia horripilante e de toda a representação surgida pela imagem deste. Pois, ao contrário do que se pensa, não foi a Idade Média, mas sim a moderna a grande responsável pela disseminação da imagem do inferno. Isto faz com que olhemos para a Idade Média com olhar diferenciado no que tange ao mal. E aos Fioretti, fica a consideração de por estar ligada fortemente a uma tradição oral, a presença do diabo, foi utilizada de uma forma mais ligada ao riso e ao grotesco, ao passo que podemos imaginar o demônio montando cavalo em um dos frades. Ao mesmo tempo, percebemos que em cada um dos textos a imagem de São Francisco foi exaltada. Onde sua presença ou orientação eram suficientes para repelir o mal, deixando-se evidente que o mais importante nos Fioretti, continuava sendo o pobrezinho de Assis. .

NOTAS:

¹ Optamos por usar a forma Javé, que é uma possível tradução para o tetragrama YHWH, originário da língua hebraica, que se refere ao nome de Deus, O termo aparece 5.321 vezes no A.T., Cf. HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo, 1998, p. 345.

² GERSTENBERGER, Erhard S. **Deus no Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1981, p. 17.

³ NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. São Paulo: Ática, 1986, p. 8.

⁴ Id. Ibid., p. 14.

⁵ Cf. Nogueira nos primeiros séculos da Igreja (séc. II e III), foi formalizado pela Igreja, tanto no Ocidente como no Oriente, o conceito de que a queda, fazia parte de uma batalha cósmica, iniciada antes da Criação, quando metade das falanges celestiais se voltaram contra Deus.

⁶ Jacques Le Goff. Apud. DELUMEAU, Jean. **A História do Medo no Ocidente (1300-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 239.

⁷ Uma obra de referência ao tema da morte é a obra de Áries: ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

⁸ VISALLI, Angelita Marquês. **Cantando até que a morte nos salve: estudo sobre laudas italianas dos séculos XIII e XIV**. Tese. São Paulo, Universidade de São Paulo, maio/2004, p.111.

⁹ Cf. Delumeau um dos grandes medos que afligiam a sociedade medieval era o medo escatológico. O fim do mundo e o juízo final estremeciam qualquer fiel do medievo.

¹⁰ SILVEIRA, Ildelfonso (OFM) & REIS, Orlando (seleção e organização). **São Francisco de Assis: Escritos e Biografias de São Francisco de Assis, Crônicas e outros Testemunhos do Primeiro Século Franciscano**. Petrópolis: Vozes/CEFEPAL, 1988, p. 1079.

¹¹ SEGRE, Cesare. **I Fioretti di San Francesco e la novellistica**. In Francescanesimo In Volgare (Secoli XIII – XIV). Atti Del XXIV Convegno internazionale. Assisi: 1996. Centro Italiano Società Internazionale di Studi Francescani Centro Interuniversitario di Studi Francescani, p. 339.

¹² Id. Ibid. p. 352.

¹³ Cf. NOGUEIRA, o Diabo está sempre atento ao menor deslize, a menor possibilidade de ganhar, ou melhor usurpar seu espaço. Qualquer brecha, qualquer oportunidade, de fato é aproveitada por Ele.

¹⁴ SILVEIRA, Ildelfonso (OFM) & REIS, Orlando (seleção e organização).p. 1126.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ São Francisco não se trata de um santo comum para a Igreja. Canonizado em um dos processos mais rápidos da história (dois anos após sua morte), a questão de sua experiência

no monte Alverne e conseqüentemente seus estigmas também fortificam essa perspectiva de vê-lo como um outro Cristo.

¹⁷ Para Cesarius de Heisterbach, escrevendo para instruir os monges de Cister, diz que o demônio pode provocar calamidades, ruídos inesperados, mas também podia assumir várias formas: um urso, um cavalo, um gato, um macaco, um sapo, um corvo, um abutre e também o crucifixo. Apud. Nogueira, p.46.

¹⁸ SILVEIRA, Ildefonso (OFM) & REIS, Orlando. Ibid., p. 1143.

¹⁹ Id. Ibid.

BIBLIOGRAFIA:

CAMPAGNOLA, Stanislao da (OFM) . **Francesco D'Assisi nei suoi Scritti e nelle sue Biografie dei Secoli XIII-XIV**. Assisi: Edizioni Porziuncola, 1981.

_____. **Francesco e francescanesimo nella società dei secoli XIII-XIV**. Assisi: Porziuncola, 1999.

DELUMEAU, Jean. **A História do Medo no Ocidente (1300-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FRANCESCANESIMO IN VOLGARE (SECOLI XIII-XIV). – Atti del XXIV Convegno Internazionale (Assisi, ottobre 1996). Spoleto: Centro Italiano de Studi sull'Alto Medioevo, 1997.

GERSTENBERGER, Erhard S. **Deus no Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1981.

HARADA, HERMÓGENES, Fr. **Em Comentando I Fioretti: reflexões Franciscanas, Intempestivas**. Bragança Paulista: EDUSF; Curitiba: Faculdade São Boaventura, 2003.

JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

LE GOFF, Jacques. **O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1990

_____. **O Surgimento do Purgatório**. Lisboa: Editora Estampa, 1993.

_____. (sob direção de). **O Homem Medieval**. Lisboa: Presença, 1990.

_____. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

MERLO, Grado Giovanni. **Em nome de São Francisco: história dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI**. Petrópolis: Vozes, 2005.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru: EDUSC, 2000.

SABATIER, Paul. **Vida de São Francisco de Assis**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco/Instituto Franciscano de Antropologia, 2006.

SCHMITT, Jean Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEGRE, Cesare. **I Fioretti di San Francesco e la novellistica**. In Francescanesimo In Volgare (Secoli XIII – XIV). Atti Del XXIV Convegno internazionale. Assisi: 1996. Centro Italiano Società Internazionale di Studi Francescani Centro Interuniversitario di Studi Francescani.

SILVEIRA, Ildelfonso (OFM) & REIS, Orlando (seleção e organização). **São Francisco de Assis: Escritos e Biografias de São Francisco de Assis, Crônicas e outros Testemunhos do Primeiro Século Franciscano**. Petrópolis: Vozes/CEFEPAL, 1988.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

VISALLI, Angelita Marquês. **Cantando até que a morte nos salve: estudo sobre laudas italianas dos séculos XIII e XIV**. Tese. São Paulo, Universidade de São Paulo, maio/2004.